

RelevO

set/2019, n.13, a.10 • Periódico literário  
independente feito em Curitiba-PR  
desde set/2010 • ISSN 2525-2704

**Assine/Anuncie:** O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam,

sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique) ou pelo [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**As ilustrações de capa desta edição** são de autoria de Lara Amaral. Você pode conferir mais do trabalho dela em [@iaramaica](https://www.instagram.com/iaramaica). As ilustrações das páginas 21, 22 e 23 são de Sergio Lima. Você pode saber mais do trabalho dele via [<contraventoeditorial@gmail.com>](mailto:contraventoeditorial@gmail.com).

## Agosto/2019

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Robson Vilalba  
Revisão: Ramiro Canetta

Projeto gráfico: Lara Amaral  
Infografia: Bolívar Escobar  
Logística: Thaís Alessandra Tavares  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 28 de setembro de 2019

## Disso de dinheiro

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 100 Cymara Scremin; Eduardo Sens; Antonio Ailton; Lorena Cunha; R\$ 75 Fernanda Frantz; André Paiva; Benilson Toniolo; Conrado Gonçalves; Flávio Peixoto; Anna Luiza Freire; R\$ 60 Expedito Ferraz Jr.; Gabriela Prado Siqueira; Adriano Esturilho; Paulo Ricck; Sônia Barros; Pedro Spigolon; Alexandre Brandão; Osny Tavares; Adriano Smaniotto; Rosana Chrispim; Assis Furtado; Rafael Rodrigues; Marcelo Augusto Oliveira; Bernardo Pilotto; Vinícius Maurer; Wanderson Batista dos Santos; Marcelo Almeida; Fernando Ferrone; André Mellagi; Vanessa Caroline Portugal; R\$ 50 Flávio Sanso; Fred Gustavo da Silva; Andressa Vieira Santos; Dinivaldo Gilioli; Luciano Justino; Lêda Braga; José Eduardo Degrazia; Laura da Mata Almeida; Maria Keiti; Boris Sanches; Thiago Ponce; Evelyn de Jesus Jeronimo; Érico Klein; Walter Bach; Bruno Santos; Renata Arruda; Sara Albuquerque; Karin Krogh; Richard Plácido; Cristiane Viana de Freitas; Alex Xavier; PV Dias; Alessandro Romio; Guilherme Moreira; Eleonora Ferreira; Jacqueline Carteri; Thiago Cardial; Camila Asato; Filipe Gaspari; Cezar Tridapalli; Lis del Barco; Thomaz Ramalho; Marina Domingues; Lume Livraria; Lucas Santin; Edson Leme; Lara Beck; Zeh Gustavo; Paulo Augusto Bessa; Joane dos Reis; Wilson Chales; Cesar Carvalho; Andréia Gavita; Mauro Guidi-Signorelli; João Paulo Gurgel de Medeiros; Talles Azigon; Luiz Oliveira; Natali Gomes; Marina Pais Silva Melo;

Pedro Gabriel; Mario Marcio Felix; Rafael Ottati; Jaqueline Kupka; Eduardo Selga Avancini; Yuri Cortez; Henrique Fendrich; Luiz Biajoni; R\$ 47 Pedro Diaz Mattos; Eduarda Amorim; Dalmo Borba; R\$ 30 Suênio Campos de Luceno; R\$ 15 Laercio Silva TOTAL: R\$ 5.086

#### ANUNCIANTES:

R\$ 300 Allejo; R\$ 200 William Soares; Editora Penalux; R\$ 150 Whisner Fraga; R\$ 50 FISK; Banca Tatuí; KIKOS Bar; R\$ 30 O Alienígena; Sebo Edipoeira TOTAL: R\$ 1.060

#### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.300  
Escritório: R\$ 345  
Entregadora: R\$ 50  
Capista: R\$ 50  
Embaladora: R\$ 50  
Editor-executivo: R\$ 1000  
Editor-assistente: R\$ 100  
Mídias sociais: R\$ 380  
Diagramação: R\$ 100  
Infografia: R\$ 70

#### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400  
Embalagem: R\$ 245  
Correios: R\$ 2.180

#### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ R\$ 6.146

(-) Saídas totais: R\$ 6.298

(=) **Resultado operacional: – R\$ 152**

## Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri  
Ben-Hur Demeneck  
Bruno Meirinho  
Carla Dias  
Celso Martini  
Cezar Tridapalli  
Enilda Pacheco  
Felipe Harmata  
Gisele Barão  
Jacqueline Carteri  
Osny Tavares  
Whisner Fraga

## Dos leitores

### POXA

#### Clayton Santos

Papel  
Planeta  
Aquecimento global

### OLHA SÓ

**Linaldo Guedes** Sempre que vejo as capas do jornal literário **RelevO**, de Curitiba (este mês chegaram dois exemplares, o de agosto e o de junho (!)), lembro de minhas primeiras experiências com o Correio das Artes como jornalista. Era chefe de reportagem de A União. Os editores do Correio eram Sergio De Castro Pinto e Cláudio Limeira. Na época, os computadores ainda estavam chegando à redação, de forma lenta. Os editores traziam a boneca do suplemento e os textos para serem digitados. Na

época, chamava composição. Eu, com um orgulho bestamente alegre, cuidava disso, por confiança dos editores. O Correio das Artes, na época, era em formato jornal e sempre com a capa impessoal em relação aos textos da edição. Geralmente, capa feita por um artista plástico da Paraíba. **O RelevO** tem essa característica. Mas as comparações param por aí. **O RelevO** tem uma irreverência que o Correio não se permitia. Depois, muito tempo depois, assumi a editoria do Correio e, com o auxílio da criatividade de Cícero Félix, transformamos o jornal em revista. Inserimos uma seção de cartas (inclusive com críticas ao suplemento). Foi o máximo de informalidade que conseguimos na época.

**Oscar Neto RelevO** até onde a vista alcança. AMO, todos serão consumidos lentamente pra duraaaaa... Galera que gosta de consumir literatura e tem um \$, assinem! Eles são incríveis. E isso nem é publi, é dica de amigo, mesmo! Eles tem um projeto no Catarse muito incrível para um conteúdo voltado à Crítica Literária, e os textos do jornal são extremamente bem escritos, engraçados, ácidos, irônicos, críticos etc. Além de prestigiarem autores independentes e bons lugares de acesso à literatura.

**Pedro Gabriel** Todo apoio à literatura é uma contribuição para um horizonte mais amplo! Acabei de apoiar a campanha de financiamento coletivo do periódico no site da Benfeitoria. Para quem ainda não conhece, o RelevO é um periódico

mensal, independente e totalmente dedicado ao mundo literário e seus desdobramentos. Além de fonte de inspiração, é meu companheiro de viagem nos aeroportos, rodoviárias e quartos de hotéis.

**Thais Ideral O RelevO** é demais.

**Lucas Leite** Enchendo a barriga e o cérebro

## LIBÓRIO

**Priscila Prado** "A chama de uma vela" - o fogo vida em João Cabral e Bachelard, por Luiz Guilherme Libório, na página 22.

**Gloria Kirinus** Está no **RelevO**? Será um prazer esta leitura. Vamos repassar para os grupos bachelardianos de Curitiba.

## OMBUDSMAN

**Acleilton Ganzert** Ual! Que legal! Parabéns! Vou renovar a assinatura.

**Antonio Prestes** Ideia inovadora, não sei a execução...

## EDIÇÃO DO MÊS

**Donny Correia** Tá lindão!

**Fernanda Dante** Parabéns ao RelevO, ao seu trabalho e aos assinantes (inclusive eu) pelo engajamento!

**Lourença Lou** Sempre juntos!

**André Siqueira** Importante trabalho. Desejo muito sucesso pro jornal.

## EDIÇÃO ESPECIAL

**Caio Cezar** O lobo é o lobo do homem.

**Diego Morais Gomes** Arte!

## CAPA DO JORNAL

**Rafael Zakar** Nossa, que capa linda.

**Diana Joucovski** Acabou de chegar, amei.

## GATOS

**Lah Beck** O meu gato chegou a entrar no pacote do jornal do mês.

**Zaclis Veiga** Entendi o motivo da minha cachorra adorar cheirar o jornal quando chega lá em casa.

**Anna Luiza Freire** Um grande jornal de literatura! Autêntico e original.

**Jim Duran** Na Praça Berlim, lendo o jornal que chegou hoje.

## REPERCUTINDO A ERRATA

**Felipe Gomes** Fazendo justiça (a que tarda, mas não falha) ao jornal, que, lá em abril, já tinha me feito mau, enfim, obrigado! Pau também rima com Bacurau. Vão assistir!

**Rosana Vinguenbah** Esses jornais literários sobrevivem em um mundo digital que domina os demais formatos de leitura. Precisamos apoiar sempre! Parabéns pela iniciativa!

**Carlos Eduardo** Esse jornal é ótimo. Eu tinha uma assinatura de um ano, mas não renovei por falta de tempo de lê-lo, mas recomendo.

**Luiz Felipe Cruz** Atualmente estou sem tempo para ler tantas revistas: **RelevO**, Rascunho, Quatrocincoum, etc. Apesar disso, é gratificante que revistas estejam se reinventando e sobrevivendo para discutir literatura. Recomendo demais também!

## Editorial

O jornal de papel possui o que podemos definir como terminabilidade. O jornal de papel acaba, tem a capacidade de fechar-se em si (início, meio e fim). Entrega uma porta mental de saída, provoca a catarse do encerramento. Por não ter atualizações incessantes, não gera angústia persistente, embora provoque sentimento de não-adesão (também um tipo de angústia) ao acumular na estante — não são poucos os assinantes que cogitam o cancelamento da assinatura após três edições não lidas ou simplesmente não renovam seus vínculos a partir da experiência de não dar conta das leituras.

Não dá para mostrar aos outros que estamos lendo um jornal digital. Ainda: um impresso, depois de lido, constrói uma relação de longo prazo com o leitor, podendo ser armazenado, consultado, emprestado, enquanto publicações digitais tendem ao desaparecimento. Quem tem um drive de jornais digitais lidos?

A experiência sensorial de um jornal de papel é mais ampla. Uma publicação impressa alterna de papel, de gramatura, de cheiro, de cor; as páginas fazem barulho ao serem manuseadas; a textura nos dedos promove uma interação direta do

produto com seu consumidor; acontece uma transferência. “A variação tátil de uma página impressa para a outra ajuda a despressurizar a sensação de sobrecarga de informação”, alega o jornalista canadense David Sax.

O impresso é ilha protegida dos hiperlinks e, como o livro, isola o leitor do frenesi do mundo; garante espaço para fabulação. Como criar tempo afetivo diante da tela do computador? O jornal de papel não é um espaço negativo, como é ver um clipe sem som. O texto, quando sai de seu ponto de partida (geralmente o email), não aterrissa no impresso. O texto, no papel do jornal, é outro texto, outra diagramação; conecta-se a outros elementos.

Assim como um quadro, a obra de arte jornal ou revista impressa tem uma moldura, um espaço geográfico, uma delimitação de território, um mapa. “Aparentemente, a moldura é posterior ao quadro, mas o quadro procede de um enquadramento implícito que precedeu a moldura ou pega ao mesmo tempo um corte e uma focalização: um corte”, defende o pensador francês Maurice Mouillaud. As páginas externas de um impresso (capa e contracapa) são as páginas sensíveis, que tocam com o mundo; o portal de boas-vindas de uma cidade.

Pede-se a priori, ao analisar um jornal, que se estudem os discursos internos e externos; condições de produção e consumo; as relações intra, inter e extra-discursivas. O alemão Otto Groth defende a investigação do objeto a partir de todos os lados: as criações culturais também podem se desenvolver, se desdobrar; isto é, elas têm uma história. E se o jornal é uma moldura, um mapa artístico de palavras, uma história, ele precisa, para cumprir seu estatuto, de um leitor-cartógrafo.

O olho do leitor de jornal tem liberdade: percorre títulos, pode não se importar com qual informação seja a primeira ou a última; da experiência do habitante (que tem a prática do território) ao leitor de jornal (que o varre com olhar), existe uma petição de continuidade e uma conversão do olhar. O leitor é o centro de onde parte a perspectiva.

Não existimos se não existir, por parte de quem nos adquire, um olhar participativo. Não ler o jornal por não assiná-lo ou não ler o jornal que se adquire é um tipo traumático de morte: sequer chegamos a nascer para balbuciar nossas primeiras palavras.

Uma boa leitura a todos.

## Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

<b>Pará</b>	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
<b>Belém</b>	
<b>Ananindeua</b>	Biblioteca Comunitária Moara
<b>Maranhão</b>	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
<b>São Luis</b>	
<b>Ceará</b>	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambou de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
<b>Fortaleza</b>	
<b>S. G. do Amarante</b>	Biblioteca Comunitária Literateca
<b>Pernambuco</b>	
<b>Recife</b>	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
<b>Jaboatão dos Guararapes</b>	Biblioteca Comunitária do Perú
<b>Olinda</b>	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
<b>Bahia</b>	
<b>Salvador</b>	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Afonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
<b>Minas Gerais</b>	
<b>Belo Horizonte</b>	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
<b>Betim</b>	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
<b>Sta. Luzia</b>	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
<b>Sabará</b>	Borrachalioteca
<b>Rio de Janeiro</b>	
<b>Rio de Janeiro</b>	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
<b>Duque de Caxias</b>	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balão de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
<b>Nova Iguaçu</b>	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
<b>Paraty</b>	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Tema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
<b>São Paulo</b>	
<b>São Paulo</b>	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmo Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
<b>Guarulhos</b>	Biblioteca Comunitária Picaideiro da Leitura
<b>Mauá</b>	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDD
<b>Rio Grande do Sul</b>	
<b>Porto Alegre</b>	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Anvedo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Círculo Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
<b>Dist. Federal</b>	
<b>Brasília</b>	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

## Onde posso encontrar um Jornal Relevo para esboçar um sorriso enquanto leio?

### ACRE

**Rio Branco** Livraria N&S / Livraria Paim

### ALAGOAS

**Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira

### AMAZONAS

#### Manaus

**Kalena** Café  
**O Alienigena** Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

### BAHIA

#### Salvador

**Livraria Boto-Cor-de-Rosa** / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara)

#### Lauro de Freitas

**Livraria Dom Casmurro**

#### Vitória da Conquista

**Livraria LDM**

### CEARÁ

**Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Silará

### DISTRITO FEDERAL

#### Brasília

**Banca da Conceição** / Livraria, Café e Bistrô Sebinho

**Ernesto Cafés Especiais** / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli

**Caixa Cultural** / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT

#### Ceilândia

**Jovem de Expressão**

### ESPÍRITO SANTO

#### Vitória

**Torre de Papel** / Dom Quixote Livraria

#### Dores do Rio Preto

**A Cafeteria**

#### Guarapari

**Banca da Lua**

#### São Mateus

**Livraria Sebo & Arte**

### GOIÁS

#### Goianã

**Evoê Café Com Livros** / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

**Café Carino**

#### Anápolis

**Café S/A**

### MARANHÃO

**São Luis** Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

### MATO GROSSO

#### Cuiabá

**Bazar do Livro Matriz**

**Metade Cheio**

### MATO GROSSO DO SUL

**Campo Grande** Livraria Le Parole

### MINAS GERAIS

#### Belo Horizonte

**Armazém do Livro** / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu

**Café do Palácio** / Café 104

**Espaço Guaja**

#### Itajubá

**Lume Livraria** / Sebo Bis

#### Pouso Alegre

**Sebo São Darwin**

### PARÁ

#### Belém

**Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos** / Sebo do Gueto

#### Santarém

**BPP Sebo & Locadora**

### PARAÍBA

#### João Pessoa

**A Bulegá Arte Café**

**Viveiro Pirata** / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Aniano Suassuna

#### Cajazeiras

**Livraria Universitária CZ**

### PARANÁ

#### Curitiba

**Agendarte Livros** / Sebo Releituras / Itban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundí Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

**Supernova Coffee Roasters** / Rause Café / Café Mibe / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Pannificadora Quilissândia / Province Boulangerie / Botanique Café Bar Panes / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tramisu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café

**O Torto Bar** / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

#### Apucarana

**SESC Apucarana**

#### Araucária

**Banca da Aracy**

**Duetto Café**

**Casa Elisue Voronkoff** / FISK

#### Caiobá

**SESC Caiobá**

#### Campo Largo

**Barba Camisetas** / Inspirarte

#### Cornélio Procopio

**SESC Cornélio Procopio**

#### Foz do Iguaçu

**SESC Foz do Iguaçu**

#### Francisco Beltrão

**SESC Francisco Beltrão**

#### Guarapuava

**Gato Preto Discos e Livros** / A Página Livraria

**SESC Guarapuava**

#### Ivaiporã

**SESC Ivaiporã**

#### Jacarezinho

**SESC Jacarezinho**

#### Lapa

**Livraria & Papelaria Nanise**

**Panificadora Zeni**

#### Londrina

**Livraria da Sílvia** / Nosso Sebo

**SESC Londrina (Cadeião e Centro)**

#### Maringá

**Café Literário**

#### Medianeira

**SESC Medianeira**

#### Pato Branco

**Alexandria Livraria e Cafeteria**

**SESC Pato Branco**

#### Piraquara

**Livrarias Nobre Cultura**

#### Ponta Grossa

**Verbo Livraria** / Sebo Espaço Cultural I e II

**Hostel Paraná** / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

#### São José dos Pinhais

**Sebo da Visconde**

#### São Mateus do Sul

**Vitors & Cia**

#### Umuarama

**SESC Umuarama**

### PERNAMBUCO

#### Recife

**Livraria Praça de Casa Forte** / Livraria Idéia Fria

**Clandestino Café** / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadairo Café

#### Garanhuns

**Livraria Casa Café**

#### Olinda

**Sebo Casa Azul**

#### Salgueiro

**Capabella Sebo**

### PIAUI

#### Teresina

**Café da Gota Serena** / Café Art Bar

### RIO DE JANEIRO

#### Rio de Janeiro

**Belle Époque Discos e Livros** / Livraria Leonardo da Vinci / Blook Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Bar / Livraria Beco das Letras / Arlequin / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André

**Café Pingado**

**Espaço Saracura** / Cine Jóia

#### Cabo Frio

**Sebo do Lanati** / O Sebo Antigo

#### Mesquita

**Sebolinha Livros e Revistas**

#### Nova Friburgo

**Sabor de Leitura**

#### Paraty

**Livraria de Paraty**

**Teatro Espaço** / Casa da Cultura de Paraty

#### Petrópolis

**Livraria e Bistrô de Itaipava**

#### Seropédica

**Canto Geral Livros e Discos**

#### Três Rios

**Livraria Favorita**

### RIO GRANDE DO NORTE

#### Natal

**Sebo Café**

#### Mossoró

**Resebo**

#### Praia da Pipa

**Book Shop**

### RIO GRANDE DO SUL

#### Porto Alegre

**Cirkula** / Livraria Bamboletas / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

**Café Cartum**

**Galeria Hipotética**

#### Bento Gonçalves

**Dom Quixote Livraria & Cafeteria**

#### Canela

**Empório Canela**

#### Caxias do Sul

**Do Arco da Velha Livraria & Café**

**Dulce Amore Café & Algo Mais**

#### Frederico Westphalen

**Vitrola**

#### Santa Maria

**Athena Livraria** (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros

#### São Francisco de Paula

**Miragem Livraria**

### SANTA CATARINA

#### Florianópolis

**Sebo Ilha das Letras** / Livraria Livros & Livros

**Café Cultura Lagoa da Conceição** / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercilio Luz

**Tralharía**

#### Balneário Camboriú

**Santo Livro Livraria e Bookstore**

**Café Cultura Balneário Shopping**

#### Blumenau

**Livraria Blulivro**

#### Brusque

**Livraria Saber**

#### Caçador

**Livraria Selva**

#### Criciúma

**Café Cultura Nações Shopping** / Café Cultura Metropolitan Business Center

#### Joinville

**Barba Ruiva Livros & Discos**

**Casa 97**

#### Mafrá

**Restaurante Amora Sustentável**

#### Morro da Fumaça

**Livraria Beco Diagonal**

#### São Bento do Sul

**Dom Quixote Livros**

#### São José

**Sebo Ilha das Letras**

**Café Cultura Continente Shopping**

#### Tubarão

**Libretto Livraria**

**Café Cultura Farol Shopping**

### SÃO PAULO

#### São Paulo

**Comix Book Shop** / Interméios



# Eu comecei com um príncipe que não veio

Diana Joucovski

Estamos voltando uns quinze anos no tempo. esse é o léo, um menino loiro de seis anos. léo é o mais bonito da turma e deve ser meu namorado. o que uma menina em sua primeira década de vida entende por isso é que tem alguém pra andar de mãos dadas no recreio + um par pra festa junina. não sei se fui eu quem decidiu que o léo é meu e eu sou do léo, ou somos um do outro porque a gente combina, pois ambos desejam toda a glória que o jardim de infância possa oferecer, mas enfim. sempre que eu tô por perto, o léo tira o pote de gel da mochila de rodinhas e passa o conteúdo no cabelo como um mini teddy boy, deslizando os dedos pelo topete e infestando nosso parquinho com o aroma mentolado da vaidade. chamo o léo de leonardo do jardim pra minha mãe, mas não sei do que ele me chama. não sei se já falei com ele também, nem se fomos apresentados. mesmo assim, quando me deito pra dormir, penso no léo, e imagino a mão do léo sendo a minha mão. a mão do léo escorrega pela minha barriga e me arrepia igual uma cosquinha, mas uma cosquinha legal, que não faz a gente rir e se contorcer como se um rato estivesse roendo nossas entranhas. é como se a minha barriga fosse o cabelo do léo, pela qual ele vai deslizando, deslizando... até encontrar aquela parte que eu não sei dar banho sozinha. o léo mexe um pouco lá e para antes que sejamos flagrados fazendo coisa errada — embora ele se mova tão sutil quanto um pulmão respirando debaixo do cobertor. outro dia. agora faz sol e a gente sai pra brincar, na creche, os meninos e as meninas em grupos separados por conta própria. as meninas querem brincar de princesa e infelizmente continuo sendo uma menina nessas horas. insisto pra gente brincar de branca de neve e, como sou bonita, elas me ouvem. só quero que chegue a minha vez, na esperança de que, se eu deitar no banco por tempo suficiente, o léo vá me ver, descobrir nossa brincadeira e me dar meu primeiro beijo, sabe,

pra me acordar. cada menina quer ter seus cinco minutos de fama nesse banco cercado de arbustos salpicados por dentes-de-leão. pra variar, sou a última da fila e, quando deito, percebo que elas enjoaram da brincadeira e estão perto de vir com outra ideia. o léo terá que correr se quiser aproveitar a oportunidade, penso algo assim e aguardo com os olhos entreabertos, porque as sombras das meninas e das árvores se confundem e meu estômago dá uma volta sempre que escurece demais sobre as minhas pálpebras de falsa desmaiada. mas o léo não vem, e pode parecer contraditório pra você eu deixar o banco sem um pingão de tristeza. o segredo é que tenho o léo na palma da minha imaginação, e nela ele aparece num estalar de dedos. quando me enjoo dele da forma que as meninas se enjoaram da brincadeira, ele some como igual. então é noite. minha mãe pensa que puxei essa cadeira pra mim, pra ver desenho mais próxima da TV do que a cama oferece, só que a cadeira é pra eu sentar no colo do léo. sento de lado e o abraço como se fôssemos adolescentes e eu soubesse que sentar no colo de um garoto pode fazê-lo se sentir especial. me canso rapidamente do desenho e decido que é hora de nós dormirmos; o léo deita comigo na cama de casal e beija minha testa, posso ver nitidamente seu contorno que bloqueia parte da parede, mas, para preenchê-lo com mais detalhes, fecho os olhos de vez em quando. que lindo, a gente deitado como príncipe e princesa recém-casados. enquanto o príncipe de nenhuma daquelas garotas apareceu, e elas tiveram de ir pra cama pensando nas bolsas com frufu idiotas e nos amigos do barney, o meu príncipe sorri e beija meus finos e pequenos lábios como um cavalheiro, desaparecendo somente depois de me saciar com seu encanto de menta.



**FISK**  
CENTRO DE ENSINO  
3642-3690 3031-7040  
R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

livros | vinis



Joaquim  
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51  
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

# Dia dos Namorados

Caio Paraguassu

Tem uma avenida numa cidade do litoral do Rio Grande do Sul que se chama PARAGUASSU. “Paraguassu é do pai, né? “Não, da mãe”. Silêncio no Uber. Meu primeiro beijo já foi logo um beijo gay. Aos treze anos. O ano era 2004 e me sentia super transgressor por falar pajubá. Na época, a moda era ir na matinê da Blue Space e estudar a religião Wicca. A minha professora da primeira série se chamava Sônia e mandava nós escrevermos os números do zero ao cem e copiar as páginas da cartilha. Eu detestava ir à escola porque já sabia ler e escrever e achava esse exercício burro. Uma vez, ela me obrigou a fazer esse exercício e eu só poderia deixar a sala quando terminasse. Acabei me mijando todo na calça, odiando como nunca a Dona Sônia. Ano passado, escrevi um conto cuja personagem principal, Isadora, trabalha numa creche. Esse ano comecei a trabalhar com crianças de dois anos e troquei minha primeira fralda. Minha avó por parte de mãe, Maria Cândida Paraguassu, nasceu em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Parece que meus tios avôs e avós a chamam de Mariquinha. Acho que vovó era professora, mas meu vô não deixou ela trabalhar. Nunca conheci esse vô. Mamãe também dizia que ele virava a noite lendo, era autodidata, lia Reader’s Digest e Almanaque Pensamento. Meu amigo Wellington tentou roubar

meu Gameboy Color. Nosso prazer era matar a aula para jogar Yu-Gi-Oh! e visitar a Galeria do Rock. Levei uma surra quando reprovei por faltas. Lembro quando resolvemos sair do armário um para o outro. As pernas cruzadas no piso de madeira. Ele tentou me beijar, mas eu não quis. Essa viagem pro litoral do Rio Grande do Sul foi muito triste. Comi frango cru e queimei no sol a ponto de precisar passar creminho. Fazia somente um mês que minha mãe tinha morrido. Felipe às vezes me pedia para falar determinada frase mais de uma vez, pois achava muito meigo meu jeito ingênuo de observar e comentar o mundo. Minha maior felicidade foi descobrir a biblioteca da escola e poder ler os livros que queria sem dividir com ninguém. Ironicamente, justo a biblioteca foi cúmplice desse prazer egoísta. Em 2005, às vezes eu tomava o ônibus e ficava dando voltas por São Paulo, passando pelos lugares que gostava. Numa dessas vezes, voltei à rua em Perdizes onde tinha dado meu primeiro beijo. Passei a mão pela parede da esquina e tentei lembrar das sensações. Hoje, duas amigas moram bem perto desse lugar e a primeira vez que fui ao apê delas fiquei relembando essas coisas com sorrisinho frouxo. É bom: lembrar do sabor das dores, mas também dos docinhos.

Fotos de Ale Riuro e produção Iara Amaral



# Terceiro molar

Maria Luiza Artese

A entrada mais fácil ficava ali, entre a parte de trás e a lateral, no meio do caminho onde não havia nada além de uma mucosa úmida. No meio das duas paredes brancas e duras, que ela empurrava como se fossem soltas, uma cavidade inchava à medida que ela enfiava o palito lá dentro, friccionando a pele como se tentasse produzir fogo no próprio corpo, e então girando, furando, alargando o buraco que latejava como se não fosse ele mesmo uma coisa negativa, crescendo, emancipando-se numa dor lasciva que criava fantasmas compridos, e aí era preenchida, e aí era suprida. Então cravava a ponta na entranha como se desferisse o golpe final numa luta clemente. E o fantasma da dor se erguia ainda mais, transbordando, o jato de sangue escorrendo, agridoce, entre os seus dentes molares.

Era assim que palitava os dentes. De um jeito muito peculiar porque seria mesmo absurdo que uma mulher como ela metesse palitos na boca em busca de pedaços perdidos de carne, ah não, não gostava dessas coisas banais, tirava o lixo da boca como qualquer mulher que sabe mexer com fios e desfazer nós, os palitos eram coisas de homens e muito dos caipiras, que têm as gengivas brutas porque tudo que é interior exige dureza. Ela não, ela era uma coisa bem flácida – carnes e suspiros e vozes tropegantes, sempre balançando no vento mais forte, uma alça do vestido caindo como se escondesse algo, uma mecha de cabelo caindo como se cegasse as vistas. Via tudo, era tudo, mole e líquida como a água. Podia se encaixar em qualquer homem, principalmente

se ele fosse rígido o suficiente. Também pensava dessa forma, falando tudo com duplos e triplos sentidos, escorregadia, sempre em fuga. E só era afiada quando enfiava o palito nos dentes, longe de todos, dentro do banheiro onde podia admirar o sangue que saía de cada nova ferida. Porque a entrada mais fácil não era sempre a melhor; com o tempo, parou de arder e outras dores ficaram mais fortes.

Quando pequena, adorara arrancar os dentes. Diziam que eram de leite, mas era impossível bebê-los, e pareciam mais com fome do que com fartura. Aprendeu a multiplicar calculando três vezes o segundo molar, que partiu em dois, de alguma maneira misteriosa que nunca soube explicar, mas que foi bastante útil para que a divisão não lhe parecesse tão estranha. Sabia a ordem e o nome de cada dente antes de saber ditar o alfabeto sem nenhuma hesitação; ausentou-se mais de uma vez da sala durante a lição, o que nenhuma outra criança podia fazer, apenas sorrindo vermelho para a professora; e cuspiu placidamente muitos jorros de sangue no guardanapo da lancheira, quando não conseguia segurar na boca. Também passou mal algumas vezes, mas essas foram raras, porque não gostava de engolir o que podia olhar. E sempre era tão bonito desfazer-se um pouco, tingindo os lábios de vermelho como as mulheres mais velhas, ela que achava mesmo a infância uma palidez cansativa. Dava todos os dentes para mamãe, e no começo ela dizia que faria um colar com eles, como aqueles colares de dentes de tubarão que os surfistas usavam, os surfistas que partiam as ondas

moles com suas pranchas pontiagudas. Mas nunca houve colar nenhum, porque ela arrancou os dentes tantas vezes em tantos pequenos pedaços que mamãe teria de colar tudo se quisesse alguma coisa, e isso a deixou mais preocupada com os níveis de cálcio da filha do que com seus pequenos esfacelamentos.

Depois que os dentes de leite acabaram, ela começou a olhar pros rapazes. E passou a tratar a boca com uma assepsia exagerada, arrancando o couro da gengiva com o fio, tecendo tanto entre as próprias lacunas que parecia que bordava um beijo, e bem que dava para dizer isso porque treinava todos os dias no travesseiro. Quando finalmente foi beijada, quase perdeu os incisivos centrais, e ficou decepcionada porque os meninos da sua idade não sabiam acertar os lugares certos. Em troca, ela cravava os dentes nos lábios deles como um bicho feroz que não gostou de ser tocado. E provou um pouquinho de cada um nas gotas de sangue que arrancou, digerindo assim a paixão, porque se a porta do amor era na boca, ele só se tornava profundo quando chegava ao estômago.

Gostava de se imaginar como uma devoradora de homens, uma vampira, uma sereia, qualquer coisa que os levasse para o fundo das coisas móveis e brincasse com a sua rigidez. Água mole pedra dura, tanto bate até que fura, e sentiu o estômago, ou talvez o coração, cheio de buracos quando chorou o primeiro fim. Então descobriu que teria mais dentes e também os perderia, mas de forma forçada, sobre a cadeira de um médico, dopada e sem ver o sangue. A

boca do estômago, que era, na verdade, a própria boca do corpo, salivava e secava quase ao mesmo tempo quando pensava nisso. Nos seus sonhos, um anjo pálido descia sobre ela, contemplando-a ternamente enquanto colocava um punhal entre os seus lábios abertos e arrancava da carne os sisos não nascidos. Ela acordava sempre mais líquida do que de costume e passava o dia marejando numa ressaca indisfarçável. Cravava os dentes tão forte que rachou um ou dois, remendando-os com resina, protegendo a raiz dos sisos que comprovadamente não caberiam ali, pois a porta do seu amor era pequena demais.

Então decidiu que não se importava: teria um terceiro molar, dois, três, todos os quatro. Podiam rasgar a mucosa e entortar os outros dentes; se isso acontecesse, não seria mais do que a natureza agindo, e ela, que era uma coisa mole e adaptável, aceitava isso. Dente duro, pele mole, tanto cresce até que fura. Entendia isso, era mulher. Como a água, seria mergulhada por todos os homens que desejasse afogar. E não desejava o dentista como seu amante. Era pálido e brilhante como um anjo, com sua luzinha acima da cabeça, perscrutando as entranhas escancaradas dela sem o menor embaraço, mas qualquer coisa que ele lhe tirasse seria uma violação. Ela empurrou gentilmente os seus utensílios com a língua quando deixou que ele examinasse o rombo na sua gengiva apenas para dizer-lhe que não operaria no final. Manteve-se rubra e casta como uma santa. E sonhou de novo com um homem, mas dessa vez ele não tinha asas



e seus cabelos eram vermelhos.

Só amaria quem também quisesse guardar um pouco dela no estômago, engolindo o sangue das suas feridas, lambendo as depressões entre a parte de trás e a da frente, sugando o sal da sua saliva avermelhada. Alguém capaz do mesmo amor profundo que ela. Para ele ela levantaria a borda da sua gengiva com uma pinça bastante afiada, mostrando o que havia por baixo. E no ápice de toda a intimidade com que podia sonhar, deixaria que ele sentisse o toque da sua dor fantasma. Que era como se o maior dos dentes surgisse dela — como uma árvore, rígida, que finalmente brotasse de uma terra continuamente alagada. O homem que engolisse o seu fruto poderia devorá-la totalmente. E então ela ficaria serena como a água da fonte que mata a sede, calma demais para afogar, doce demais para desidratar. Talvez morresse por esse amor porque há muitas fontes que secam, e a maioria dos homens era firme demais para derreter. Como uma mulher, ela era líquida, trazendo a vida para as coisas

sólidas se erguerem, e o que havia de mais duro nela era o fantasma de um dente que só existia no meio da falta.

Buscou intensamente pelo homem ou pelo dente, sem uma ordem definida. Enfiava palitos de dente, paus de churrasco, pinças esterilizadas, deixando que a borda das gengivas se abrisse e as raízes dos seus nervos espiassem, encantadas, o mundo lá fora. Houve noites em que teve febre, cuspiendo sangue como uma prostituta tuberculosa, mas era santa e rubra e casta como uma virgem, a gengiva ia e voltava sempre a cobrir a base dos dentes alvos, doendo e partindo-se de novo numa complacência que nunca deixava de ser pura. Ao final de alguns meses pensou que ia morrer. Na hora fatal, ela foi para o espelho espiar o próprio reflexo moribundo, as mechas do cabelo vermelho caindo como se pudessem cegá-la, as alças da camisola deslizando como se pudessem cobri-la.

E viu, inteiramente crescido, um enorme dente do siso.





# Abjeto de pesquisa

A presente dissertação intitulada QUATRO FILHOS DA PUTA DA LITERATURA PARANAENSE pretende estudar quatro importantes filhos da puta da história da literatura paranaense e observar as escolhas insignificantes que moldaram os movimentos e as cenas literárias do Paraná ao longo do século 19 e 20, quiçá 21. O ponto de partida da pesquisa são outros quatro filhos da puta acadêmicos da área de Jornalismo; o primeiro é um professor de universidade pública que usa chapéu dentro da sala e indica os próprios livros na ementa; outro é funcionário público e músico; o terceiro escreve

sobre convergência midiática; a quarta pesquisadora se diz cartesiana. A análise de quatro filhos da puta representativos da literatura paranaense aponta para modos similares de filhadaputagem, como financiar-se com dinheiro público e publicar os próprios textos no jornal que edita. O interesse prévio de promover uma nova descarga no cânone, publicando os residuais, posteriormente, por uma editora do Rio de Janeiro ou de São Paulo, também merece destaque na pesquisa.

**Palavras-chave:** chapéu; babaca; torce pro Grêmio.

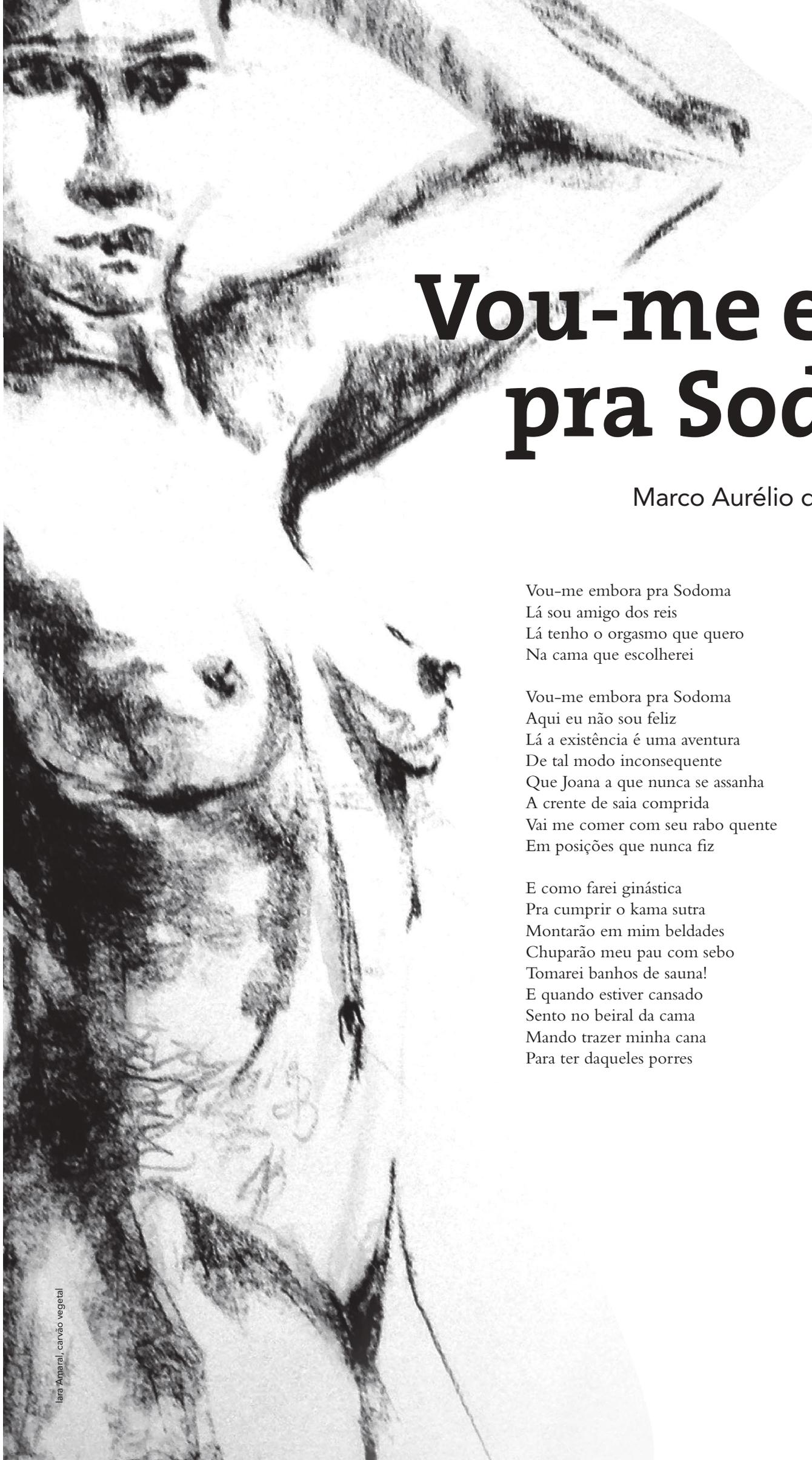


editora **penalux**

Editora  
**Penalux**  
Porque livros iluminam

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)



# Vou-me embora pra Sodoma

Marco Aurélio de Souza

Vou-me embora pra Sodoma  
Lá sou amigo dos reis  
Lá tenho o orgasmo que quero  
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Sodoma  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a que nunca se assanha  
A crente de saia comprida  
Vai me comer com seu rabo quente  
Em posições que nunca fiz

E como farei ginástica  
Pra cumprir o kama sutra  
Montarão em mim beldades  
Chuparão meu pau com sebo  
Tomarei banhos de sauna!  
E quando estiver cansado  
Sento no beiral da cama  
Mando trazer minha cana  
Para ter daqueles porres

Que no tempo de eu menino  
Só ouvia falar  
Vou-me embora pra Sodoma

Em Sodoma tem tudo  
É a mais pura gozação  
Tem um método seguro  
Pra impedir a concepção  
Tem lubrificação automática  
Tem brinquedinho à vontade  
Só prostitutas não têm  
Pois lá a suruba é geral

E quando eu estiver sem vontade  
Broxado assim de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de variar  
— Lá todo o mundo é gay —  
Terei a enrabada que quero  
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Sodoma.

6 de 42

**Fwd: Procura um DJ para sua eutanásia? Encontrou! Conheça o DJ C\_D\_Sky**

**Agência Black Ceiling** <press@blackceiling.com.br>  
para eu ▾

seg, 30 de set 11:39 (há 2 dias) ☆ ↶ ⋮

Esta mensagem foi traduzida automaticamente do inglês

Visualizar como página web

*Oi! Tudo bem? :)*

*Segue release do DJ C\_D\_Sky. Ele está disponível para entrevistas, internamentos e festas.*

*Quaisquer dúvidas, estou à disposição para conversarmos por aqui.*

*Atenciosamente,  
Lu Severo  
Agência Black Ceiling*



Ninguém precisava de eletricidade até a eletricidade existir.

Ninguém precisava de avião até o avião existir.

Ninguém precisava de um DJ de eutanásia até eu soltar uma virada cabulosa nos segundos derradeiros de Alessandra Pierini Domingues, vítima de uma raríssima doença crônica degenerativa.

Foi sinistro. E não só porque a avó dela, aos prantos, berrava "por que isso tá acontecendo, pelo amor de Deus?!". Foi realmente sinistro. Na moralzinha. A véia ficou ali urrando qualquer coisa abafada pelas minhas caixas Pure Groove.

Conheço os dois lados dessa história, brow. Antes de ser C\_D\_Sky, eu era apenas um estudante de Medicina, curso que abandonei no quinto ano.

Meus pais me chamaram de louco: e eu sou louco mesmo. Louco pela música. Pelo *beat*. Pelas *tracks* do norte da África, do sul da Ásia e do centro do céu. O céu tem centro? Ninguém sabe. (Tem.)

Nesses cinco anos de Medicina, definitivamente aprendi como o cérebro funciona. Também aprendi a não acreditar na indústria farmacêutica e a verificar se a água é de fato água. Além disso, tive várias experiências transcendentais. É hora de compartilhar essas dádivas com o mundo, dividir meu *backspin*.

Não sei se você sabe, mas os gregos deixavam uma moeda na boca do defunto antes de sepultá-lo. A moeda era para o Caronte, aquele brother que fazia a travessia para o mundo dos mortos. Aprendi sobre isso no meu intercâmbio na Grécia, aos 19.

Enfim, não curto muito esse lance de moeda — meu som não é comercial —, mas não tenho dúvidas de que o momento da passagem é importantíssimo para uma alma. No lugar da moeda, ofereço *tracks*. Eu não causo a morte, mas pode ter certeza de que a produzo. Você viu como eu troquei de *Brazilian beat* pra *Berghain techno*: se eu entendo de alguma coisa é de transição.

Minhas *tracks*, afinal, dialogam com o outro lado, com o desconhecido. Porque rir não é o melhor remédio. Remédio não é o melhor remédio. "Rares — Vivaltu (Ricardo Villalobos remix)" é o melhor remédio. E eu descobri isso da melhor forma: seguindo a dica do meu brother Bruno Matarazzo, o Bru'n Bass, mago das pistas (quando vamo aprontar outra eurotrip, hein, Brunêra?).

Meu primeiro *gig* foi quase por acaso. Digo "quase" porque não sabia, naquele momento, que minha mãe viria a nos deixar. Quando ela disse "por favor, só desliga essa merda", pensei que se referisse à bomba de oxigênio — jamais à minha mesa de som. Hoje... bom, deixa pra lá. Quem olha pra trás é museu. Ou Caronte, algo assim.

Não acredito em Deus, mas sou muito espiritual. Você vai negar a existência de energia? Impossível, brow. (Aliás, desde a [/ITECh PLANEt]\], recomendo não organizar festas perto de cachoeira — pessoal, água e fio elétrico não é *transformador*). Enfim, manda DM que eu te revelo um pouco mais da minha vibe: vamos fazer esse rolê da morte acontecer. Eu sou o melhor DJ de eutanásia deste país: indique um amigo e ganhe dois packs de Gudang.

\*\*\*

*Contratando C\_D\_Sky, você ganha a divulgação do seu internamento em mídias sociais assessorada pela própria agência Black Ceiling. Além disso, recebe a coleção de ebooks Últimos Passos, composta da trilogia "Balada no inferninho, chegada no céu: aprendendo a mixar", "Gabriela bala e papel: não é rave, é um festival dos meus amigos" e "Track id??? O apanhador no campo de cerveja".*

O que você achou dessa *newsletter*?

FELIZ

TRISTE

FRITO

Copyright © 2019 Agência Black Ceiling, todos os direitos reservados.  
Se deseja não receber mais mensagens como esta, [clique aqui](#).

# More bug

Eduarda Vidal

Éramos  
uma família

sem  
um puto

morando em um  
apartamento  
de classe média

média.

Vocês são  
pobres.  
E as paredes entregavam isso a cada ano que passava.  
Não só as paredes,  
mas também os rejuntas  
na pia

encardidos.

E eu passava cal  
e tinta  
pra disfarçar.  
Meu pai escondia  
de mim  
a escassez  
com toda a paciência.

Só por fora,

dentro estávamos  
os dois  
chorando

com medo do oficial de justiça chegar.

Era crime  
estar sem  
dinheiro.  
Levaram o Chevette Júnior.

Tava pago, minha mãe falou.

Filho da puta.  
Levou.

Éramos bandidos,

[eu tinha certeza.

O primo pobre.

Te dou a vara e ensino a pescar.

Enfia a vara no cu.  
Quero peixe não.

Mamonas assassinas  
falou merda

[eu aprendi  
e gostei de falar palavrão.

Mãe, faz ovinho que eu amo.  
Mamãe fazia  
com amor

na xicrinha.

E eu bebia gema.  
Meu pai, ovada

com sal e pimenta [queficabomdemais

Só não usa a esponja  
 pra não ficar com cheiro de ovo.

Vontade todo mundo tem.  
 E ele fez cartão de crédito.  
 Nunca pagou.

Eu chorei  
 por dentro de novo.

Não pensa nessas coisas,  
 você é criança.

Da praia pra loja.  
 De biquíni e sunga mesmo.

É, pai?  
 Então é linda né.

É essa.  
 Passa o cartão, por favor.

Pode ser em três vezes?

Bora pro mar.  
 Eu fui

Ele,  
 com 3 parcelas de 30 reais

no copo.

Ovo é foda, meu pai falava.

Mas me deu uma prancha  
 de more bug

porque estava cansado de me ver sobrando  
 no mar.

Precisa não.

[Ele não podia me dar.

Então tá.

Engoli a culpa.

Lembro do ar  
 condicionado  
 e o cabelo salgado.

Escolhe aí,  
 só não pode ser a mais cara  
 [também não precisa ser mixuruca.

Eu quero essa levinha  
 que tem a corda cereja.

Cereja com cinza,  
 é linda.

90 reais.

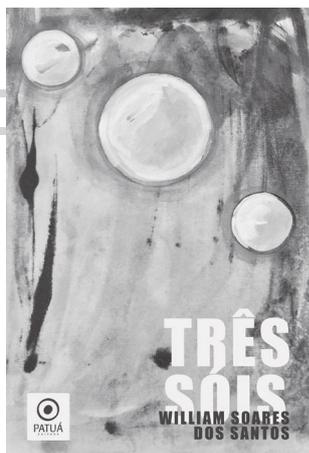
[amo halls de cereja.

Crédito.

Com a voz mais fina  
 como quem reza pra conseguir  
 pagar.

com o strep no braço  
 e o peito inflado.

em 1999.



## TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES  
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola

# Ricardo, o Dito.

agp

Todos fizeram silêncio e deram palavra à mãe recém-órfã ao avesso. "Obrigada a todos pela presença, meu filho ficaria muito feliz de ver quanto amor o rodeava durante toda sua vida." As pessoas ao redor do caixão se separavam em grupos diversos, mas o sentimento era aquele de união verdadeira que somente a dor parece ser capaz de costurar. Lágrimas escorriam pelo rosto de homens e mulheres, mas não se sabia por quem, se pelo morto ou se pela mãe. Deve ser por isso que temos dois olhos: para chorar mais de uma coisa ao mesmo tempo. "Ele foi uma criança tão tranquila, curiosa. O pediatra dele sempre elogiava, sabem? O menino mal chorava. Era como se estivesse sempre bem com tudo." Algumas pessoas concordaram, era a cara dele mesmo. "Eu morria de medo na adolescência, dizem que é a fase mais difícil, as rebeldias..." O rosto dolorido se contorcia. Eram as memórias informando sobre seu domínio, se encerrariam ali e se perderiam por si só no tempo, sem remédio, sem renovação. "Desculpem. Ele era um rapaz tão bom. Não sei se posso continuar. Alguém gostaria de dizer algo?"

Compaixão e compreensão geralmente andam de mãos dadas. A nora, agora viúva, veio em socorro da sogra e de si mesma, pois já se incomodava com o próprio silêncio. "Olá, queridos amigos. Muitos aqui conhecem a história de como nos conhecemos, mas, pra quem não sabe,

foi aquela coisa de cinema, quase. Amor à primeira vista... Nos demos bem sem precisar trocar nenhuma palavra. Ele só me olhou, de um jeito que era tão dele. Eu falei 'Oi, vamos tomar um café?' Que coragem. Nem precisei esperar resposta. Puxei sua mão, fomos andando e o resto..." Ninguém a culpou por ter engasgado. Estavam todos chocados com aquela despedida, mas assim são as coisas tantas vezes: um bando de vivos em silêncio ao redor de um morto que já nada pode dizer. Buscam nas palavras e nas lembranças uma forma de cantiga primitiva para embalar o sono daquela criança recém-nascida da morte. As lágrimas frias são o leite e os soluços, o compasso.

Todos foram se revezando, uma espécie de horda em combate ao inevitável. Diziam como ele tinha sido tranquilo, bom ouvinte, calado. Calado. Quanto mais pessoas falavam, mais evidente ficou que fora não apenas homem de poucas palavras, mas de nenhuma. Toda uma existência e nem sequer uma palavra. Não se tratava de mudez de voz, mas de silêncio total de nascença. Era um aceitador nato, camarão dormiente sendo levado de onda a onda, à onda, à onda, até o fim. Após o compartilhamento das histórias, acabaram tantos ali contando uma ou outra, ficou um sentimento um quanto estranho. O que ele diria? Nada. Essa era a resposta que ninguém podia aceitar: nada disse em vida, nada diria após a morte. Passava em branco

Iara Amaral, aquarela e nanquim.

linguístico, coisa que nunca antes fora vista ou sequer pensada.

O estranhamento gerou um burburinho já beirada de desespero. As pessoas começaram a conversar eufóricas, trocando mais e mais histórias, em busca de alguma pronúncia, uma voz, algum gesto efusivo com os braços e nada. Alguns riam, outros choravam e tinha até quem andasse de um lado a outro revirando os bolsos, como se ali fossem encontrar o tal dizer perdido. A família se olhava em choque, como assim nunca haviam se atentado para o fato? Seria possível? A esposa não lembrava de um suspiro de prazer, a mãe não sabia sequer de um choro de fome e o pai já chorava ajoelhado no caixão: “Perdoa, filho, perdoa seu pai que não te ouviu.” Seria de partir o coração caso não houvesse se firmado o mais absoluto caos nesse velório. As pessoas estavam quase implodindo e começavam a correr desesperadas daquele silêncio tão absoluto. Tinham medo de que se ficassem muito ali também veriam suas vidas cair por um abismo sem fim de uma mudez existencial. O cemitério foi, aos poucos, se tornando um deserto. Até os mortos enterrados já havia muito viraram pó e fundiram-se ao vento, para escapar dali. Restaram somente o pai, que choraria até o fim de seus tempos pelo pecado de nunca ter escutado o próprio sangue; o corpo da esposa, que tomara todos os medicamentos em sua bolsa para

adormecer a certeza de que se casara com o vazio; e a mãe, que parecia forte e austera diante do caixão do filho.

Estavam no meio do Nada agora e ventava forte. A mulher olhou para o pedaço de si que viera ao mundo depois dela e partiria antes. Estavam reunidos ali naquele momento como já estiveram só os dois, no início. Ela colocou a mão no tampo para fechá-lo em sua jornada e encerrar a devastação do mundo que havia se principiado. Foi quando ouviu uma voz inédita sair ali de dentro: “Eu não estou pronto para morrer, mãe. Por que me colocaram aqui?”

“É tarde demais para dizer agora, meu filho. Você perdeu o seu tempo.”

E baixou a tampa, vendo lágrimas nos olhos do seu menino. Se ele realmente não estivesse pronto, dissesse antes, pensou. Quando o estalo do fecho se fez audível, toda a devastação do mundo que se produzira até então se encerrou no seu peito numa única memória: a do primeiro choro do seu filho ao ser enterrado vivo, depois de tantos anos de uma vida morta. As cousas devagar voltaram ao normal e o coveiro se aproximou com a pergunta do que ele deveria escrever na lápide.

“Pode escrever assim: Filho amado, esposo querido, aqui jaz Ricardo. Ricardo, o dito.”



# Teu futuro te condena

Aldenor Pimentel

*Publicado na Antologia Sombria (ed. Empíreo, 2017)*

— Serás um assassino — dir-te-ei, recém-nascido, quando teus pais te trouxerem até mim.

Lerei teu futuro, como o de todos os paridos naquela hedionda cidade, em uma porção do meu sangue. Descreverei em detalhes a teus genitores que, com um instrumento perfurocortante de fabricação caseira, vazarás os olhos de uma mulher de cabelos brancos e dela cortarás o pescoço. Ainda permanecerás ao seu lado, vendo-a sangrar em silêncio até a morte.

Minha profecia arregalará os olhos de tua mãe e teu pai, que me questionarão como tal infortúnio seria possível. Passarão noites em claro, ao som do teu renitente choro. Praguejarão contra ti e contra Deus e questionarão a Ele que fizeram para merecer tamanha maldição.

Serás repulsivo aos teus pais, que, envergonhados de trazerem ao mundo um monstro, o abandonarão em lugar ermo qualquer. Tua sorte, ou não, será ser encontrado por uma família de operários, que encontrarão entre os panos em ti envoltos um bilhete onde se lerá tua condenação.

Aceitar-te-ão entre eles, titubeantes em crer naquelas palavras malditas e mal escritas. Seu pavor por ti perseguir-te-á enquanto dividirem o mesmo teto. Temerão a cada dia e a cada noite que a criatura diabólica que em ti habite enfim acorde.

Não suportarás viver sob eterna desconfiança e partirás para longe daqueles que nunca estiveram contigo. Procurarás abrigo nos mais distintos lugares, todavia em nenhum deles serás bem-vindo. Por toda a cidade, saberão tua fama. E ninguém poderá ser condenado por não acolher criatura capaz de, no futuro, cometer ato tão abominável.

Ainda tentarás frequentar os bancos escolares, mas não te verão com bons olhos, nem os professores, tampouco teus colegas. Pelos corredores, serás objeto dos mais violentos trotes, em represália ao crime que, certamente, estarás por empreender. Nesses e em outros tantos momentos, perguntar-te-ás como poderias ser castigado por delito que ainda nem terás cometido.

Ao procurares trabalho, fechar-te-ão as portas. Os patrões temerão não só por sua segurança e de seus empregados,

como também serem acusados de bandidos defensores de outro bandido. De certo, receariam a falência, ou pelo boicote dos consumidores ou por greve geral dos funcionários, indignados a serem obrigados a conviver com um assassino.

Nem as ruas restar-te-ão. Nelas, estarás eternamente abandonado pela sorte, sob o risco de acordar com o corpo em chamas, diante da multidão de sangue nos olhos.

Sem alternativa, ficarás às margens da cidade e viverás sob a proteção das sombras. Lá, encontrarás outros marginais. E até por eles serás rechaçado. Na melhor das hipóteses, tolerado. De tempos em tempos, serás sorteado como bode expiatório em que o bando descarregará todo o ódio que por eles a sociedade sentir.

E, assim, sempre que um novo crime ocorrer, ele te será atribuído. Em uma dessas vezes, uma garota de olhar doce e cabelos dourados e encaracolados será dada como desaparecida. Teus conterrâneos, convictos de tua culpa, procurar-te-ão, sedentos por justiça.

Apedrejarão e incendiarão o teu casebre, com o teu nome dito em coro, aos berros.

Capturar-te-ão e anunciarão a tua sentença. Mas antes de morreres, a polícia chegará e te poupará do golpe fatal, menos por acreditar na tua inocência e mais pelo dever do ofício.

Mesmo atrás das grades, não estarás seguro. Serás torturado por longas horas pelos carcereiros. Temendo que a população volte à tua procura para terminar o que a polícia terá interrompido, renderás o plantonista e te evadirás do local.

Teu instinto levar-te-á ao bairro onde nasceste. Entrarás naquela tenda e a mulher de cabelos brancos, de costas, esperar-te-á, sentada, em uma cadeira de balanço.

— Peço que sejas rápido — dirá a mulher.

Aproximar-te-á dela e, com uma faca rudimentar, a ferirá em seus olhos. Em seguida, golpeará com o mesmo instrumento sua garganta. Em silêncio, até a morte, ela sangrará diante das tuas vistas. Se pudesse falar, dirte-ia ela: “Não te condeno. Sei que, não por acaso, quiseste cegar meus olhos e calar minha voz. Ora, foi a partir deles que começou tua desgraça. Por causa do que vi e disse é que te tornaste o que és. E agora, tua sina está cumprida: és um assassino, como previ.”



## A CIDADE DO VENTO

GRAZIA DELEDDA

ED. MOINHOS

Publicado em 1931, este romance traz traços marcantes da biografia de Grazia Deledda em uma narrativa que leva o leitor para sua intimidade. O eu lírico/narradora de *A cidade do vento* descreve sua relação com Gabriel, um amor de sua juventude que desaparece para retornar à sua vida poucos dias após seu matrimônio com outro homem. Em um jogo de tensões precisamente calculado, passado e presente se entrelaçam diante do olhar do leitor e dão forma à trama arquitetada por Deledda.

TRAD. WILLIAM SOARES DOS SANTOS

• editoramoinhos.com.br •



# A roda do tempo

Maroel Bispo

Há que se inquirir sobre ela:  
 A roda do tempo.  
 O ocaso tênue que já passou, [e creio],  
 Não volta mais.  
 A imagem da natureza pausada,  
 Que faz conceber o poema.  
 E aquilo [cena dúbia] que ele não viu,  
 Pois está por vir.  
 Então, a roda se impele nas  
 Ruas nuas e segue.  
 Sempre segue e indolentemente,  
 Avança feroz.  
 Ele [o tempo] destila o seu fel,  
 E as cãs pranteiam.  
 E deste lamento afônico  
 Faz-se a vida.  
 E dessa tessitura se ergue  
 O tempo, excelso, perpétuo.

Sergio Lima

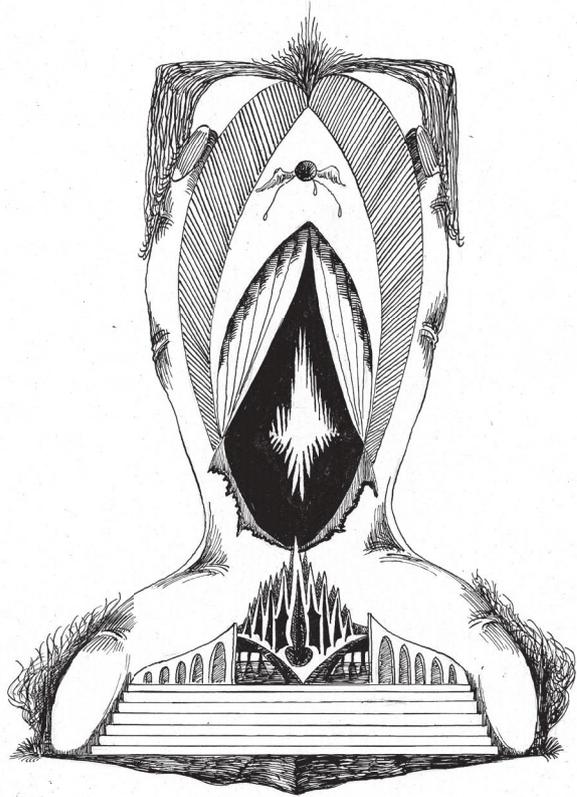
*Poemas integrantes de A alta licenciosidade (Edição do autor, São Paulo, 1985)*



Sergio Lima

# A mneumonia do fascínio

âncora feita de nuvens  
afundada nas especiarias  
dos teus braços  
altar de axilas  
a tua axila esquerda esfumaçada  
enigma de fios de fumo  
seio bêbedo



os vulcões extintos das dúvidas  
 conjurados pelas entretelas de cipós de florestas de bromélias  
 o teu sorriso me acompanhará sempre  
 meu amor  
 uma jangada de batons escorrendo pela minha boca  
 meu amor teus olhos me perseguem como cães de caça desenhados  
     nas tuas pupilas de loba macia  
 meu amor que uiva ajoelhada nas nossas memórias  
     vívuda na loucura dos sentidos  
     e das sedas do prazer  
 ajoelhada enquanto minha mão quente do Egito desvela tua nuca  
 enquanto os minaretes róseos e madreperolados do mais-amor  
 começam  
 a se erguer  
 no M de tuas mãos claras  
 mais claras que teu corpo revirado no arco extático  
     dos jasmims violentando o anoitecer  
 o colo do flamingo de saudades  
 ah! as nossas saudades  
 sem fala e os olhos úmidos



Sergio Lima

**CASA**

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

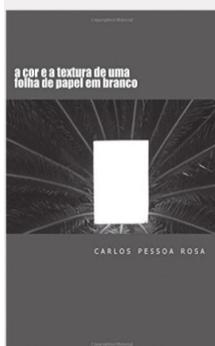
f @casaprojetosliterarios

# Despetalada

as sombras da bananeiras  
 curvavam o meu ser de pensamentos  
 moles como as mais vermelhas  
 manhãs encacheadas de lábios  
 abertos e entreabertos  
 ao meu redor  
 enquanto te despias e caías  
 acompanhando tua queda fatal  
 de tuas roupas despregadas  
 nos meus olhos  
 de noite  
 de tempestade  
 e atrás de ti vinham as feras de esmaltes  
 silenciosamente ondulantes em teu braço louro  
 aprisionados por tuas unhas  
 curvas, querida  
 e os teus seios pousavam em minha cabeça  
 enquanto as tuas coxas davam a volta  
 vindo se deitar em minhas costas de iguano de cristal  
 o meu rosto e a antiguidade do assento  
 das profetisas sagradas  
 ocultos como a face pura  
 de tuas nádegas



Sergio Lima



**A cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: [www.amazon.com](http://www.amazon.com)

**acontece nos livros**  
 um canal dedicado à literatura  
*whisper fraga*

Inscreve-se e mergulhe no universo literário.  **zagreusw**

  [acontecenoslivos](https://www.instagram.com/acontecenoslivos)  [noslivos](https://twitter.com/noslivos)  [acontecenoslivos@gmail.com](mailto:acontecenoslivos@gmail.com)



Lara Amaral, carvão e aquarela

A imprensa, como todas as instituições e coisas humanas, tem um lado bom e outro não, pois se é origem fecunda de vantagens sociais, também com razão se lhe atribuem males gravíssimos. Às vezes solta e desenfreada como a anarquia, a imprensa atropela tudo, nada é para ela sagrado... Outras vezes, porém, desveladamente ocupada em investigar só a verdade útil e profícua ao país, a imprensa, tomando iniciativa do bem, discute as questões de maior interesse para a sociedade.

Jornal Dezenove de Dezembro, 1º de abril de 1854, p.1